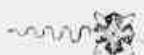


O BINOCULO.



INTRODUÇÃO.

Hoje que a mocidade emprega as suas horas de repouso no cultivo das letras, hoje que cada qual procura na litteratura um passatempo util e agradavel, colhendo da practica a critica e da critica o aproveitamento, tambem nós nos animamos a assestar o nosso *Binoculo*, para escolher d'entre as flores viçosas que ornão o jardim da litteratura amena, bellas páginas para offerecer-mos ás nossas sympatheticas e amaveis leitoras e attenciosos leitores.

Sem pretenções, sem recommendação e sem nome, vai este album pedir aos seus assignantes indulgência, aos seus collaboradores protecção, e se pela boa vontade puder um dia ver compensados os seus desejos, orgulloso entoará seu canticó de agradecimento.

Dedica as suas páginas á mocidade estudiosa: desejo-a no seu gremio, por que della precisa como um balsamo vivificante, como de um bordão amigo que o ampare quando prestes a despenhar-se.

Começa modesto e simples, porque quer viver muita vida, e ver realizados os sonhos ideaes que phantasiá.

Apparece pois hoje o 1º fructo da perseverança de tres moços, que aspirão ao desenvolvimento das letras patrias, d'onde provem o engradecimento das nações.

Se n'essas pallidas páginas se não traduz o desejo que anima a redacção, appellamos para o futuro; elle fallará por nós e nos justificará da immensa vontade que nos anima. Faremos quanto couber em nossas forças para que cada numero seja um ramalhete que possamos sem escrupulo offerecer aos nossos protectores.



daçando-se raivosos n'esses escolhos sem fim: por onde o meu corpo tantas vezes tem rolado, fosse em mar sereno de rôsas. — onde as vagas não assustão, cale a tempestade por mais forte não agita seu brando rumorejar e onde as ondas quebrão-se suspirosas, deslizando-se mansamente por essas brancas praias, recamadas de mimosas conchas, assim como dos teus labios virgens partem doces sorrisos. descansar este corpo fatigado por tantas insônnias n'esse leito de venturas; onde ahí, te visse formando uma coroa tecida por teus nevados dedos, para em recompensa ornares a fronte do martyr dos teus amôres!

Céos, onde vai o pensamento!... Se no meio de tão doces visões ouço uma voz desconhecida bradar aos meus ouvidos:

« A virgem com quem sonhas não te poderá pertencer!... »

E n'essa hora, Dolores, para fazer de uma vez calar no meu peito tanta dôr, eu peço a morte, porque ella, só ella será o balsamo das minhas desventuras!

A vida! o de que me serve a vida sem a luz divina dos teus negros olhos que scintillão formosos como a estrella da tarde ao descambiar da noite? Sem o doce contacto dos meus grosseiros labios nas tuas assetinadas faces de virgem? Sem te poder apertar contra meu seio, e no palpitlar do coração ofsegante te dizer jubiloso: — eu te amo! — Sem estes encantos de que serve a vida?

Viver sem que me ames, sem quê me possas pertencer, eu quero mil vezes a morte; porque assim tudo emmudecerá, porque então o meu corpo a par dos desmaiados cyrios, d'essa amortecida luz que bruxulêar triste o negro feretro que guardar meus restos, já pallidos pela modorra da morte; talvez então te dignes piedosa lançar sobre elle um olhar de compaixão, embora não de amor, deixando escapar de teus vivos olhos uma lagrima furtiva de dôr, que, rolando sobre o meu cadaver, com elle desça à sepultura!

Março de 1862.

FREPERICO REINALDO



LEMBRA-TE.

A E'''.

*Apos dias de amargo tormento
Virão dias mais belos talvez.*

SOARES DE PASSOS.

*Farewell!...
Forget me not!...*

Lembra-te sempre, sempre que teus olhos
Fitarem ternos o luar sombrio,
Do — adeos — que t'envio suspiroso
Pelo das brisas tremulo cicio!

Unidas ambas nossas almas meigas
Vagarão sob a cupola do céo,
Que tu geraste n'um sorrir bondoso,
Ave, que o ninho, tens no peito meu!

Lembra-te sempre d'esses dias puros,
De luz tão cheios... cheios de fulgor!
Quando a voz solitaria da harmonia
Junta a nós soluçava um terno amôr!...

Lembra-te sempre d'essas horas brancas
Em que tu m'emballavas na esperança!
Quando o suspiro de meu peito ardente,
Encontrava em teu rir — sempre bonança!..

Tu partes... foges... a chorar de certo,
Eu fico mudo de pezar tranzido....
Nas longas noites de saudade infinda....
Ha de alentar-me o teu lembrar querido!

Lembra-te sempre, sempre que teus olhos
Fitarem ternos o luar sombrio,
Do — adeos — que t'envio suspiroso
Pelo das brisas tremulo cicio!

ALPHONSE OHLITSAC



PAGINAS INTIMAS.

I

QUANDO ?...

Desejos sempre vãos ! ... reaes, só dôres !

(A. F. de CASTILHO).

Dolôres, quando te poderei chamar só minha ?...

Quando poderei junto a ti respirar o teu halito perfumado, partido d'esse teu peito virgem, d'essa hydria toda de perfumes ?!

Quando, assentado à teu lado te ouvirei cantar cantos divinos, admirando ahi teus dedinhos voarem traquinos no teclado do piano, como nas flores vôle o colibri ?...

Quando no albor da aurora, sahiremos ambos a passeio por estas campinas deleitosas, onde as bonitas desabrochão bellas, embalsamando a aura que as affaga, perfumando a atmosphera que as vigora; onde as mimosas borboletas de mil cōres vão segredar ás flores seus mysticos amôres, matizando as lindas veigas com o bello colorido de suas douradas azas; ouvindo o doce chilrar dos passarinhos que suspensos nas bordas de seus ninhos, entôão hymnos festivaes em louvores à brisa que os baloiça; e no mimoso tapiz da verde relva te verei reclinar em meu grosseiro collo, a tua virginal fronte divina ?!

Quando, nessas bellas tardes de verão, em que o sol com seus desmaios fôr descambando para o occaso, te levarei pelo braço para veres a poetica ribeira que se desdobra rapida por entre os delicados seixinhos, e que, no remanço de suas aguas vem beijar os brancos lyrios que pendem solitarios sobre ella; e ahi, quando ! como ella beija os brancos lyrios, eu poderoi beijar tambem ás tuas divinas faces de virgem ?

Quando n'essas noites d'alto luar, em que a lua se ostenta formosa, envolta em seu lindo manto marchetado de brillantes estrellas, no azul do céo, te levarei junto à mea lado com as tuas vestes brancas,

e no deleite das graças, com tuas negras madeixas soltas em teus hombros de neve a estas sombrias florestas, onde n'um leito de moles e cheirosas flôres, descansarei a minha fronte de martyr sobre o teu collo de virginal pureza; e, embalado por teu canto que é mais bello que os de todos os anjos, possa dormir um pouco ao som de tantas harmonias?...

*Quando, ambos á beira do poetic regato, te ouvirei dizer baixinho
ao som d'agua que corre somnolenta; — Eu te amo!... quando?*

- Quando as flôres da vida murcharem
Sem que eu possa jámais ter prazer?
- Quando os risos p'ra mim forem dôres,
Quando eu preste estiver a morrer?
- Quando a pelle se fôr enrugando
E o preto cabello alvejar?
- Quando eu velho, curvado dos annos,
A velhice me prive de andar?
- Quando a luz dos meus olhos fôr baça
Como a fraca candela sem luz?
- Quando eu viva pensando na morte
C'o o rosario bem junto da cruz?
- Quando o meu coração fôr envolto
De uma vez no sudario de gêlo;
E que o peito sem doce sentinelha
Possa ao menos um' hora aquecêl-o?

Não! porque n'essa idade o peito é fraco para conter em si um amor tão forte!...

Mas, se estes lindos sonhos reflectos de tantas esperanças cêdo me viessem mostrar a sua realidade, arrancando-me d'esse mar tempestuoso da vida, onde minh'alma naufraga de continuo sobre esses rochedos de infortunios; meu peito, Dolores, soltaria um brado tão forte semelhante ao bramir da tempestade, porque medroso fugiria, abandonando o fragor sanhudo de medonhos vagalhões, que, espe-

daçando-se raivosos n'esses escolhos sem fim : por onde o meu corpo tantas vezes tem rolado, fosse em mar sereno de rosas, — onde as vagas não assustão, cale a tempestade por mais forte não agita seu brando rumorejar e onde as ondas quebrão-se suspirosas, deslizando-se mansamente por essas brancas praias, recamadas de mimosas conchas, assim como dos teus labios virgens partem doces sorrisos, descansar este corpo fatigado por tantas insomnias n'esse leito de venturas; onde ahí, te visse formando uma coroa tecida por teus nevados dedos, para em recompensa ornares a fronte do martyr dos teus amores!

Céos, onde vai o pensamento!... Se no meio de tão doces visões ouço uma voz desconhecida bradar aos meus ouvidos:

« A virgem com quem sonhas não te poderá pertencer!... »

E n'essa hora, Dolôres, para fazer de uma vez calar no meu peito tanta dôr, eu peço a morte, porque ella, só ella será o balsamo das minhas desventuras!

A vida! o de que me serve a vida sem a luz divina dos teus negros olhos que scintillão formosos como a estrella da tarde ao desçambiar da noite? Sem o doce contacto dos meus grosseiros labios nas tuas assetinadas faces de virgem? Sem te poder apertar contra meu seio, e ne palpitar do coração ofegante te dizer jubiloso: — eu te amo! — Sem estes encantos de que serve a vida?

Viver sem que me ames, sem què me possas pertencer, eu quero mil vezes a morte; porque assim tudo emmudecerá, porque então o meu corpo a par dos desmaiados cyrios, d'essa amortecida luz que bruxulêar triste o negro feretro que guardar meus restos, já pallidos pela modorra da morte; talvez então te dignes piedosa lançar sobre elle um olhar de compaixão, embora não de amor, deixando escapar de teus vivos olhos uma lagrima furtiva de dôr, que, rolando sobre o meu cadaver, com elle desça á sepultura!

Março de 1862

FREDERICO REINALDO.



LEMBRA-TE

A E***.

*Apoz dias de amargo tormento
Virão dias mais bellos talvez.*

SOARES DE PASSOS

*..... Farewell! ...
Forget me not! ...*

Lembra-te sempre, sempre que teus olhos
Fitarem ternos o luar sombrio,
Do — adeos — que l'envio suspiroso
Pelo das brisas tremulo cicio!

Unidas ambas nossas almas meigas
Vagarão sob a cupola do céo,
Que tu geraste n'um sorrir bondoso,
Ave, que o ninho, tens no peito meu!

Lembra-te sempre d'esses dias puros,
De luz tão cheios.... cheios de fulgor!
Quando a voz solitaria da harmonia
Junta a nós soluçava um terno amôr!...

Lembra-te sempre d'essas horas brancas
Em que tu m'emballayas na esperança!
Quando o suspiro de meu peito ardente,
Encontrava em teu rir — sempre bonança!..

Tu partes... foges... a chorar de certo,
Eu fico mudo de pezar tranzido....
Nas longas noites de saudade infinda....
Ha de alentar-me o teu lembrar querido!

Lembra-te sempre, sempre que teus olhos
Fitarem ternos o luar sombrio,
Do — adeos — que l'envio suspiroso
Pelo das brisas tremulo cicio!

ALPHONSE OHLITSAC



A AUGUSTA.

Em teu caminho tropeçaste — agora !
 Cala esse pranto, minha pobre flor .
 Cahida mesmo — tropeçando embora,
 Conserva a alma um ultimo pudor.

Deve ser grande esse martyrio lento...
 Já nos espinhos a minha alma puz ;
 Sou como um Cyreneu do sofrimento ;
 Deixa-me ao menos carregar-te a cruz.

Eu sei medir as lagrimas vertidas
Na sombra e só sem uma mão sequer ?
Vês tu as minhas palpebras doridas ?
Tem chorado talvez por ti, mulher !

E' fraquesa chorar? chorei contigo ;
 Que a mesma nos banhou de luz
 Como em mim um pesar profundo e antigo
 No fallar d'essa fronte se traduz !

Sei como custa desfolhar um riso
Em face ás turbas que o senti por mim,
Vêr o inferno e fallar do paraíso,
Sentir os golpes e abraçar Caim !

Chorei, que prantos ! Prometheu atado
 Ao rochedo da vida e sem porvir !
 Poeta n'este seculo infamado
 Que mata as almas e condenna a rir.

Cancei, perdi aquella fé robusta
 Que como a ti, nos sonhos me sorriu ;
 Na identidade do calvario, Augusta
 Bem vês como o destino nos mediu !

Ergue-te pois ! A redempção agora
 Dá-te mais viço, minha pobre flor !
 Se tropeçaste no caminho embora !
 Na tua queda é-te bordão — o amôr !

1859. — MACHADO DE ASSIS.



REVISTA THEATRAL.

Cançado deixára eu a penna que outr'ora, em dias de *Esperança*, e de vida, fôra sempre minha companheira fiel e inseparável: e hoje que de novo d'ella preciso, vou encontral-a em um escaninho de larga gaveta; mas já velha, enferrujada e quasi perdida: minha pobre penna! tu que n'essa epocha de tanto me serviste, tu que não soubeste ser parcial, não me abandones agora que tanto de ti careço.

E tu, leitor, encantadora e amavel leitora, se indulgente e perdoai-me: se a minha penna já estava fóra do combate!....

Bem; tome-nos o nosso posto: deixemos a individualidade e revestido de uma couraça impenetrante, ponham'o-nos a caminho.

Entremos em S. Pedro. A festa é brilhante: o concurso immenso:— tem lugar a installação do *Jury Dramatico*, com a assistencia de S. M. o Imperador. E' mais um serviço relevante que o seu distinto filho, esse astro da scena brasileira, o Sr. João Caetano dos Santos, presta ao seu paiz. Necessaria instituição! Assim ficaremos livres d'esse sem numero de analphabetos a quem sorriu em sua mente a carreira de artista dramatico, e que abraçarão, sem conhecimento, sem intelligenzia, sem nenhum dos muitos predicados que são precisos para se ser artista: não veremos bonitos trechos de excellentes authores, estropiados na boca de parodiadores do portuguez, que se fizeram artista por que não gostarão do covado, nem da vara.

Honor a fundador e a quem com a sua augusta presença sancionou tão bonita idéa.

Rica de espectaculos foi a semana: — A 18 teve lugar no *Lyrico* o beneficio de Arthur Napoleão, coadjuvado pela companhia do Atheneu Dramatico, que representou — *Os Intimos* — traducção do Sr. De la Peña. A enchente foi real na platéa; mas nem por isso muito grande em camarotes. O beneficiado prehencheu perfeitamente a noite tocando admiraveis trechos de sua composição.

Ao mesmo tempo e à mesma hora representavam-se no theatro de S. Therezinha em Nictheroy — *Os nossos Intimos* — traducção do Sr. Lessa Paranhos, em que o Sr. João Caetano desempenhou com maestria o papel do Dr. Tholosan apesar do seu melindroso estado de saude, em obsequio ao presidente da província. Correu em geral

muito bem, mesmo apesar do medo com que os artistas estavam de perder a barca que os devia conduzir à cidade.

A 19 subiu á cena em S. Pedro o drama — *Virtude e Vício* — em sua segunda representação e beneficio dos authores, os Srs. Joaquim Silverio dos Reis Montenegro e Antônio Francisco Duarte. É uma composição de espirito que no entanto tem seus erros, como todas, de maior ou menor quilate. Reservo uma ou duas paginas do numero seguinte para julgar devidamente este drama, emittindo sobre elle a minha opinião.

Quanto ao desempenho, não gostei: quem viu este mesmo drama no dia 7 aqui, e a 8 em Nictheroy, desconheceu-o na sua repetição.

A Sra. D. Ludovina, não se recordava bem do seu papel, o que mais para admirar é, porque nunca tal succede.

O Sr. Leal estava frio, gelado mesmo: disse o seu papel; mas como por demais. Tenha paciencia: se a penna o fere é porque é velha e tudo quanto é velho, é rabujento e impertinente; mas por que não interpretou o triste *Julio* como nas duas primeiras noites? Sr. Leal, Sr. Leal, veja que os louvores de artista, são bellos, mas que custam a ganhar; é preciso muita vontade, muita perseverança, muito estudo para poder fazer alguma cousa: a não ser assim, nada fará.

Fico portanto á sua espera até ao dia do seu beneficio que se anuncia para 26 na Praia Grande.

Hontem, 20, devia ter lugar a primeira representação dos — *Tafues de Paris* — em beneficio da actriz Antonina Marquelou; mas a sua repentina molestia, obrigou-a a transferir-l-o, Deos sabe para quando.

O pouco tempo que me dão, e o ainda menor espaço que reservarão para a Revista, não permite entrar em mais minuciosos detalhes: fal-o-hei para a semana, e se me conhecéis da *Esperança*, tende fé, e confiança no

JORGE LILLO.



SEGREDOS D'ALMA

SAUDADE

A E.***

Como são povoadas de misterios e dôres tuas pobres vestes, flôr !?

Como és infeliz !

Nesse campo onde nasceste, onde vive a innocencia, companheira inseparável da virtude, ha tambem quem soffra como tu !

No meio da fragancia das campinas, do odór dos valles estrellados de agrestes plantas, tambem ha dôres.

Ainda ahi, onde de quando em quando se ouve o echo da voz do rouxinol insomnio tambem se cria o *martyrio*.

Os *suspiros* que te enredam, não te apagaram as *chagas* feitas pelos *craivos da ausencia* ?

Como tu choras !!

Essas lagrimas que vertes, são a recordação do passado, são a lembrança de horas felizes que gozaste em doce enleio com a tua pobre *madre-silva* ?

Quem me dera ver-te então !

Como estarias bella, erguendo altaiva esse collo todo esperança, todo fé ! Tu que és um doce amargo que deleita e contrista ! tu, esse sentimento mixto de prazer e de dôr que nos encanta e penalisa ! Como estarias bella ! — Saudade !... Saudade !... que mil scenas de felicidade e de tormento me não recordas ao pronunciar-te !

Como é suave este nome —*Saudade* ! !... — este nome que só articula o portuguez com fé bem pura.

Saudade !... recordação de ledas horas de prazer.

Saudade !... reminiscencia do mais ardente beijo de amor, que os esposos ataram no leito nupcial.

Saudade !... lembrança amarga, dôce agro, quando nos recorda a perda da pessoa que mais se amou no mundo.

Saudade!.... como és infinita para os que infinitamente amaram !

Flôr, como te vergas ao peso da dôr que infundes, aos que te decepam pelo pé e te alvergam em seu coração !

Como tu soffres e como te resignas !

Tu és, saudade, a flôr que mais simbolisa a dôr ! tu és aquella que constantemente meu peito abriga, no centro de seus maiores prazeres.

Como te quero, flôr simbolica !

Essa orla verde, côn de esperança, que te orna a fronte, é aquella que ainda o moribundo conserva no leito da morte — a que o condenado, lá em cima desse deshonroso tablado, vê, na bandeira da infinita bondade do creador — a misericordia — aquella que o nautainda conserva no fundo, bem no fundo do coração, quando intendendo, já sem leme e sem norte, com a procella e o vento daval — és ainda a mesma que o caminhante perdido ve em cada grão de arêa que vem açoitar-lhe a face, em cada sopro da aragem, que lhe vem desatar os cabellos, e bafejar-lhe o semblante macerado pela dôr.

Essa côn tão roxa como a do lyrio, como nos fala de uma ventura perdida, d'uma gloria manchada de fel do carrasco, d'uma alma precipitada no abismo da perdição, d'uma matricida lavada no sangue de sua inocente vítima !

Como és misteriosa flôr !

E que te não possa eu deixar ! Como a mariposa deixa a flôr de que bebeu o doce néctar, como a folha deixa a

planta soprada pelo brando zephiro, como a onda deixa
a concha, como a aurora dissipa as trevas !

Oh ! como é doce chorar quando se soffre ! ! ...

Choras tambem ?... sou feliz !

Quiz-te mal, muito mal ; inda mais do que ao crime.
Agora que me comprehendeste, que soube avaliar a poesia
de tuas folhas, e a tristeza de tuas vestes—não !

Olha as flôres que nos circundam, como se agrupam
para vêr esse sorriso que agora desabrochaste e que te é
tão raro !

Olha como folgam por te vêr assim !

Mas tu sentes ? soffres ? choras ? tu vacillas ? vais morrer ? porque ?... por piedade, dize, dize...

A saudade definhou-se e em vez della outra flôr ali nasceu ; era a rosa, o lyrio, o myrto ?... não.

Era... o não me deixes !

ALPHONSE OHLITSAC.

PAGINAS INTIMAS

II

A VIRGEM DOS TEMPLOS

Deos ! dai-me um raio celeste da vossa luz divina e
uma harpa gemedora para nella cantar um anjo puro, —
vossa filha, Senhor !

Dai-me um estro grandiluco e corrente, uma lyra de
sons harmoniosos onde döce tangendo as cordas suas, o
mundo me admire e os louros que sobre mim jogarem,
na fronte d'essa virgem vão pairar ! Dai-me, ella é o anjo

dos anjos, a mirrha santa que perfuma os vossos altares, a virgem que emanou dos céos para assombro da terra, que minha linguagem tosca, desconcertados sons de uma já quebrada lyra, gasta aos rudes cantos dessas noites de vigílias, não tem as harmonias de uma harpa que o céo me pôde dar.

Erigi-lhe em meu peito um culto santo, para dôce receber-a no sacrario de minh'alma; mas vêde, de faz ella carece; dai-me pois o clarão de uma lampada fulgente, que bastante será para illumina-la.

Como é bella! Sim, mais bella que o branco lyrio debruçado á beira da lympha prateada que se deslisa mansamente por entre as lindas conchinhas que a esmaltam: que o mimoso botão que em flôr se torna, onde tremulam nas suas verdes petalas as lagrimas do céo. Tão sublimado painel, imagem tão bem esculpida, obra tão perfeita de um Deos, só por Elle poderá ser retractada: que a mais dourada palheta contendo em si as mais lindas e variadas còres que possue a terra, não poderá de certo na mais fina téla, o mais elevado pincel conceber o desenho de tão sublime pintura.

Ella é dos templos o mais mimoso ornato.

Sua voz é mais suave de que os sons melodiosos de uma frauta, quebrados á mudez do deserto, mais pura do que as águas de cascata que batem sonorosas nas folhas perfumosas das mais odoriferas flores e que espalhando-sse pelas naves magestosas desses templos, vai cheia de docura e harmonia, morrer aos pés de Deos!...

Altar das minhas crenças, ídolo das minhas adorações, eu te amo! Sim, amo-te com esse amor puro que o mais extremoso dos filhos offerece ao mais carinhoso dos pais. que o casto irmão consagra á inocente irmásinha e que

a pudica donzella aos sonhos seus de virgem ; amo-te como os anjinhos amão a Deos ; como os passaros aos primeiros raios do sol, festejando-os com canticos alegres e como dos jardins amão as flores o rocio matutino que as alenta, que as vivifica com o seu frescôr ! Acolhe pois, em teu seu virginal, a pureza desse affecto, dando-lhe o mesmo abrigo que as magestosas e copadas arvores dão às aves que perdidas buscão nellas a mais prompta guarida : para que eu possa um dia, depois de haver quebrado as negras cadêas que me prendem, tomado por tamanha glória, cingir a minha e a tua fronte com a corôa da mais pura e sá virtude !

FREDERICO REINALDO

PROBLEMA CORAÇÃO

Morrerás lentamente do coração abafando os gritos d'alma, como o abutre que em silêncio devora as suas carnes !

Louco ! procuras risos quando não encontras senão lágrimas nas tuas dôres ! — procuras o céo quando o inferno se apresenta a teus olhos !

Viverás e morrerás como a flor à beira do regato sem orvalho d'amor e sem alento de piedade !

Viverás só, como o proscripto sem pátria ! como o vulto do condenado nos desertos do exílio !

Soffrerás lentamente do coração, até que a descrença fria e positiva venha abrigar-se em teu peito !

Vacilarás muito até que a sociedade no lodo infame da

corrupção se apresente a teus olhos descarnada e livida
como o cadaver do leproso ; a cuspir-te na face e a escar-
necer de ti.

E as gargalhadas da loucura suffocar-te-hão a voz ! . . .

E então ! chorarás muito e... terás allivio ; porque doce
é o pranto que o Senhor envia ao desgraçado !

Mas teu coração ficará placido e socegado como as
aguas do Mar Vermelho após a passagem dos peccadores !

E abençoarás as lagrimas que alliviarão o teu soffrer !

E bem dirás ao Senhor que te deu o chorar !

JULES MONTMARTIN.

DEFINIÇÕES

A mulher é a roseira de todo o anno.

A moça é um volume de muitas paginas com pouco
texto, que para ter aceitação, deve ser *doré sur tranche*.

A vetha é a raposa da fabula : para ella todas as uvas
são verdes.

O casamento é um sabão vegetal que lava muitas no-
doas. — E' um leilão, que tem lugar — quer chova quer
não — e em que se compra tudo no estado em que se
acha.

O publico é a reunião de muitos tolos, formando um
todo intelligente.

O homem é um titere com que se diverte o acaso.

O amor é um barco que nos conduz lentamente para o
porto da morte.

As illusões são as andorinhas que fogem quando se aproxima o inverno da vida.

O *namoro* é uma escada, cujos dous primeiros degráos são de difficult accesso. — *As namoradeiras* são como as caixinhas e bolas com que os pelotiqueiros fazem suas magicas, passão de mão em mão.

Os titteratos entre nós são umas massas folhadas que fazem muito barulho e occupão muito lugar, e no entanto pesão bem pouco.

O coração de uma menina de dez annos é um quaderno em branco.

O de uma moça de vinte annos é um livro escripto regularmente.

O de uma mulher de trinta annos é um livro em que por falta de espaço começa-se a escrever nas entrelinhas.

O de uma mulher velha de quarenta annos é um livro desfolhado que só serve para embrulho.

O de uma velha de cincuenta ou mais annos é um documento historico. — *O coração humano* é um *cahos*, para o qual ainda não houve o *flat tax*.

Os partidos políticos são como as amendoas, tem diversos nomes e diversas cores, mas o gosto é sempre o mesmo.

A virtude de uma mulher é como crystal que, uma vez quebrado nunca mais tine por melhor que o lignem.

O estado matrimonial seria o paraizo na terra, se não houvesse sogra.

O nariz grande vermelho de uma mulher, um ferro em brasa que afugenta os melhores desejos de um homem.

Moça pobre que quer casar é um anzol sem isca.



SAUDADES

Saudades —dos meus amores
Saudades—de minha terra.

CASIMIRO D'ABREU

Nas horas tristonhas das tardes d'estio
Nas horas que lèdo se ouve o soar
Do sino d'aldèa batendo a trindade:
 Calado, sósinho,
 Eu tenho saudade
 De tudo qu'è meo.

E quando á tardinha o céo s'escurece,
E a terra s'envolve em manto de trevas.
E o céo marchetado d'estrellas, formoso.
 Se mostra brilhante:
 Meu peito extremoso
 Parece finar-se.

E o astro da noite s'eleva no céo
Lançando na terra seus raios de prata.
E a luz bemfaseja da lua, formosa.
 Reflecte em minh'alma
 Paixão extremosa
 De meiga saudade.

E quando no ramo da linda romeira
Eu ouço tristonha a voz da rolinha:
Eu sinto no peito saudades da terra.
 Do campo das flôres,
 Do canhão da serra,
 De tudo qu'è meo.

Em triste pensar minh' alma s'enleva
Nesta hora de dôres, d'amargo penar !
E tenha saudades da terra d'amores.

Dos prados mimosos
Dós puros olôres
Qu'as flôres exalam !

E quando na praia eu ouço o rolar
Das ondas cadientes na areia batendo :
Eu tenho saudades de tudo qu'é meo.

De tudo que adoro
Na terra, no céo !
De tudo—saudades !

JULES MONTRARTIN.

2 de Novembro de 1861.

CRÔNICA

Disia o nosso poeta Proença que o chronista representava no mundo o mesmo papel que um broche de gosto no toilette elegante de uma moça de 16 annos, espirituosa e intelligente. Sou da opinião d'elle, e por isso é já uma doença *chronica*, o susto que se apodera de mim, quando me pedem a *chronica*. E o mais é que eu prometti escrevê-la, e não sei nem gosto de faltar ao que prometto : de um sorriso seu, interessante leitora, depende portanto a minha tranquillidade : negal-o ha ao pobre chronista ?... quem sahe !

Apenas encontro novidades no mundo theatrical : eis-as em resumo,

S. Pedro abriu as suas portas no dia 25 en beneficio de um orphão, com o drama em verso, original de Cesar de Lacerda — *Hider-Aty*, a cuja representação pouca gente affluiu.

No desempenho o Sr. Florindo trabalhou muito bem. O sr. Lisboa não sabia o papel, o que se tornava notavel apesar mesmo da facilidade com que pôde passar desapercebida essa falta no 3º e 4º acto. A Sra. D. Leonor trabalhou com a graça e perfeição que lhe conhecemos, em quasi todos os seus papeis.

O beneficio da Snra D. Clotilde passado para 26, efectuou-se a 25 com *A Fitha do Lavrador* e os *Ovos de Ouro*. Nada digo a respeito do desempenho por que não pude ir assistir ao espetáculo.

O Sr Leal deu aos seus convidados uma noite agradavel a 26, no theatro de Santa Thereza. Representava-se o drama — *Virtude e Vicio* — que tanto agradara ao publico nitheroyense. A casa estava completamente cheia, e no final de cada acto lia-se no semblante de todos os espectadores a satisfaçâo pelo bello enredo de drama, e o prazer pelo bom desempenho, que realmente excedeui à nossa expectativa. Coube ao Sr. Florindo o papel de Claudio e à Sra. D. Ricciolini o de Thereza, que foi reproduzido com toda a fidelidade e expressão: esta actriz comprehendeuo papel, apoderou-se da acção e disse-o ao publico com verdade que agradaria, inda quando fosse um papel de menos valor.

A Sra. D. Leonor deixou de o ser para se identificar no papel de Emilia : na scena do 4º acto, confessou com tanta ingenuidade e seducção o... *sou eu que o amo*, que parecia sentir o que dizia. O Sr. Leal trabalhou muito bem : esteve bello no 2º acto, ao fazer sahir Jorge de cada de

seus protetores e no 4º acto, ao reconhecer seu pai : comprehendeu perfeitamente, que é a recordação de uma mãe e fez rebentar as lagrimas nos olhos puros de muitas donzellas a recorda-a na expressão íntima e meiga com que o Sr. Montenegro a traçou. Chamado á scena a final, pôde reconhecer nos aplausos que recebeu e nas poesias que lhe offertaram, o resultado dos seus esforços e o quanto pôde azer na arte... se estudar.

No dia 30 pôde alfin effectuar-se o beneficio da actriz D. Antonina, com a primeira representação do drama — *Os Tafues de Paris* — e da comedia, original portuguez — *Por causa de um par de botas* — A beneficiada foi recebida com agrado pelo publico e por diversas veses applaudida em diferentes situações artisticas que executou, não com maestria, mas muito regularmente.

Do estudo e por vontade tem esta actriz tirado já largo proveito ; e hoje que o peor está passado, não deve desanimar : se no esudo encontrar espinhos, suavisál-os-ha e muito a simpatia do publico e o progresso na arte.

São conselhos de quem nada sabe ; mas de quem tudo deseja.

Antes de hortem , 3., teve lugar o beneficio do artista Martinho, que, segundo ele diz, deixa a carreira dramatica. Representou-se o drama — O Segredo dos Cavalheiros — dando fim ao spectaculo tres arias das que o publico costumava ouvirem quasi todas as noites de recitas ordinarias e extraordinarias.

Notei a indiferençā do publico que o viu entrar em scena, sem lhe dar um aplauso sequer, nem ao menos os seus predilectos. Que quereriam significar com isto ?... eu, não sei.

Em nome da redacção tenho um dever a cumprir : tributar sincero reconhecimento a' douta e mito ilustrada redacção do *Jornal do Commercio*, que tanto protegem este pobre album com a sua valiosa recomendação. Procuraremos, quanto em nossas forças caiba, não desmevecer do favor dos nossos assignantes, e de quem tão bem sabe animar uma empreza nascente, recommendingo-a à protecção do publico.

Ao *Constitucional* devemos o mesmo obsequio ; para a sua attenciosa redacção, todo o nosso reconhecimento.

Tenho uma divida a cumprir e que não pago hoje: a apreciação da *Lusbelta* que agora sobe à cena no Gymnio. Prometto cumpri-la. Até Domingo.

JOICE LILLO.

De novo oferecemos as nossas paginas a todos os jovens estudiosos que nos quizerem honrar com a sua coadjuvação, devendo remetter os originaes em cartafechada à rua dos Latoeiros n.º 34, onde igualmente devem ser remetidos todos os avisos, reclamações e se recebem assignaturas a 3\$000 por trimestre.